

«Abafar a opinião dos cidadãos, reduzi-la ao silêncio forçado, é, aos olhos de todos os criãos, um atentado ao direito natural do homem, uma violação da ordem do mundo, como Deus estabeleceu.»

(PIO XII)

ANO V — N.º 102
FEVEREIRO

3

1 9 5 7

AVENÇA

A Voz de Loulé

LISE



SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
Telefone 154 F A R O

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Telefone 216 LOULÉ

Lisboa dos algarvios e Algarve dos portugueses

EM fundo muito gentil para os algarvios e repassado de carinho para o «nosso Algarve» esclarece J. O. no «Diário Ilustrado» de 27 de Janeiro, as razões do seu apoio à decisão governamental de se não erigir em Sagres o monumento ao Infante Dom Henrique e exprime certo pesar pelos sentimentos manifestados pelos algarvios a propósito do facto e de que nos fizemos eco. Seria feia falta de cortesia não endereçar a J. O. obrigados efusivos pelas suas palavras, que nos parecem traduzir um sentir sincero e até lhe podemos

Conservador do Registo Civil

FOI transferido da Conservatória de Portimão para a desta vila, mediante concurso, na vaga aberta pela saída do sr. Dr. Maurício Serafim Monteiro, o nosso prezado amigo sr. Dr. Alvaro Augusto Garcia a quem apresentamos cumprimentos de boas vindas.

conceder razão, se olharmos o caso pelo prisma de que se serve.

E' certo que Lisboa é a capital de todos os portugueses, e que aí foi a corte do Rei sob cuja égide o Infante desenvolveu a sua acção e é certo também que o Promontório Sacro é, só por si, um magestoso monumento.

Mas não é menos certo que foi em Sagres que o Infante meditou e se torturou no sonho ingente da epopeia cujos alicerces concebeu e erigiu. Tanto que lhe tomou o nome: Infante de Sagres.

As razões de J. O. teriam justificado a «Batalha» junto do Castelo de S. Jorge ou o monumento a Mouzinho em qualquer digna praça de Lisboa. No entanto Santa Maria da Vitória está junto de Aljubarrota e Mouzinho perpetuado na Província a que pertencem Magalhães e Chai-

[Continuação na 4.ª página]



Dr. José Ascenso Governador Civil substituto

NO passado dia 28, o sr. Eng.º Mascarenhas Gaivão, governador civil cessante deste distrito e por delegação expressa do Senhor Ministro do Interior investiu nas suas funções de Substituto o sr. Dr. José Ascenso, prestigioso Reitor do Liceu de Faro lugar para que, como em notícia da última hora dissemos, fôra recentemente nomeado.

O acto teve enorme concorrência e na sala nobre do Governo Civil vimos deputações de todos os municípios do Algarve, representações da U. N., alunos e professores do Liceu e numerosíssimos amigos do empossado que, estamos certos, quizeram, com a sua presença, manifestar o apreço em que têm as qualidades de inteligência, de apuro e de tenacidade do Dr. José Ascenso.

Entre a assistência destacava-se o Venerando Bispo do Algarve, Senhor D. Fr. Francisco Rendeiro.

Apenas usaram da palavra o sr. eng.º Mascarenhas Gaivão que, muito justamente, elogiou o novo governador substituto e apresentou as suas despedidas dizendo da saudade que já sentia por deixar o Algarve e o empossado que teve palavras de agradecimento pelas referências que foram feitas, prometeu desempenhar-se do cargo com o zelo que imprime aos trabalhos a que se vota e exprimiu a esperança de que o exercício efectivo das suas funções se limitasse a curtos e acidentais períodos, terminando por fazer uma saudação à imprensa da Província.

Ao sr. Dr. José Ascenso, a quem apresentamos efusivos cumprimentos, oferece «A Voz de Loulé», a mais franca e leal colaboração, prometendo-lhe incondicional apoio para que sempre que fale, peça ou aja em nome do Algarve, possa, sentir-se escudado pelo sector, embora restrito, da opinião publica que representamos. Por nossa parte faremos o possível por que não se sinta mais delegado do poder central dentro do distrito quer representante do Algarve junto do Governo da Nação.

Se gosta de se divertir
venha a
LOULÉ
pelo CARNAVAL

Econometria algarvia (2)

Pelo Dr. António de Sousa Pontes

DIZIA recentemente o prof. Eng.º Leite Pinto, titular da pasta da Educação que, «por muito que isso pese no ânimo dos economistas literários, os estudos da Economia Política estão evoluindo no sentido da matematização — o que veio rasgar novos horizontes a uma ciência desde sempre horizontalizada de social».

Há até quem julgue ser de 30 anos a distância, no tempo, entre os conceitos dos temas económico-literários e os das novas teorias económicas.

Rendimento nacional, rendimento bruto, econometria das funções procura — crédito, etc., etc. são hoje conceitos que explicam, através da comprovação estatística, a maneira de obter mais rapidamente a elevação do nível de vida dos povos.

E isso consegue-se através da actualização mais intensa dos meios de produção — o Capital, o Trabalho e a Terra — e do seu melhor aproveitamento. Já nos referimos no 1.º artigo ao desperdício da riqueza algarvia que se verifica pelo facto de se não fazer ainda o combate colectivo, eficaz, às pragas que infestam a agricultura algarvia.

Na opinião do cientista e investigador nosso comprovinciano, Dr. As-

censão Mendonça, da Junta de Investigações do Ultramar, não é um problema o combater as pragas da agricultura, pois é uma tarefa para ser tecnicamente realizada por empreza particular, sob a orientação científica e fiscalização do Estado.

E porque a nossa Lei de Meios prevê a intensificação das práticas agrícolas melhoradas, esperam os algarvios que se dê início àquele combate colectivo, de Barlavento a Sotavento e da Serra ao Mar, de modo que dentro de alguns anos o nosso azeite deixe de nos «envergonhar» perante o resto do País.

Por exemplo, nas 2 safras e contra safras de 1948 a 1952, em 2.991 toneladas de produção média anual de azeite, 1.163 toneladas, ou seja 58 %, tinham mais de 8 graus de acidez e 1.311 toneladas apresentavam entre 4 e 8 graus de acidez (44 %).

De azeite até 1 grau apenas produziu o Algarve 300 kgs.

Na colheita que acabou há pouco, o azeite algarvio voltou a apresentar acidez elevada que chega a atingir por vezes 15 graus e mais.

Como é sabido, esta acidez elevada deve-se ao facto de as oliveiras serem

[Continuação na 4.ª página]

O comboio do ALGARVE

DESTA mesma tribuna fizemos, há pouco tempo, a justa crítica das ligações ferroviárias do Algarve com Lisboa.

Nada conhecemos que, de facto ou em projecto, se haja melhorado ou pensado corrigir em relação ao mal-egoirado sistema de transportes, a que estamos sujeitos.

Voltamos à carga, apenas guiados, nesta cruzada, pela esperança longínqua de que o velho rifão: «Água mole... Em pedra dura» alguma verdade, nos traz.

O Algarve atravessa uma hora psiquiálgica, de profunda amargura e auto convencimento de que é um filho engeitado da Comunidade nacional, um proscrito lastimoso do resplendente progresso Patrio.

Mas não será por isso, que deixa de cantar no côro dos que reagem, dos que se resentem, dos que se sentem agravados perante a imposição de certos sistemas, métodos, orgânicos e directrizes a que o querem jungir.

E esta, das ligações ferroviárias, é das mais graves, into-

[Continuação na 3.ª página]



A linda ermida de S. Lourenço de Almancil aflora por entre um trecho de formosas amendoeiras

AMENDOEIRAS

Em Fevereiro, quando lá de cima Deus, com a tinta do luar, escreve seus versos algarvios, rima a flor das amendoeiras com a neve...

Neve em flor! Sonho! aloura! Quem descreve o noivado irreal que se aproxima, tão branco, tão diáfano, tão leve, que nem talvez na música se exprima?

— Meninas da primeira comunhão, ascéticas, descendo da montanha à beira do caminho em procissão,

em bias-lácteas de perfume brando, oiço-os bem a sinfonia estranha.

— porque, amendoeiras, vós estais cantando...

Cândido Guerreiro

REGIONALISMO

O almoço de homenagem a Hermenegildo Neves Franco



Hermenegildo Neves Franco
Presidente da Comissão de Turismo e Propaganda da Casa do Algarve

A «Casa do Algarve», homenageou no passado domingo, como anunciáramos, o seu lido Presidente da Comissão de Turismo e Propaganda, sr. Hermenegildo Neves Franco.

Naquela bela e vibrante festa de confraternização algarvia, o nosso comprovinciano Neves Franco, viu-se rodeado de muitas dezenas de amigos e seus admiradores, que ali foram testemunhar-lhe o muito apreço em que o têm.

Foram em número aproximadamente de 80 os convivas que assistiram ao almoço.

Na mesa de honra, que presidia o ilustre Presidente da Assembleia Geral daquela agremiação, sr. Conselheiro João Bernardino de Sousa Carvalho, viam-se, além do homenageado e de sua esposa sr.ª D. Ester de Araújo Teixeira Franco, os srs. Conde de Vinhaes, que representava o S. N. I., a sr.ª D. Rosário Mateus Moreno, Dr. Sousa Carrusca, Major Nascimento Moura, Dr. Quirino Mealha, Dr. Ra-

[Continuação na 4.ª página]

Artistas do Algarve

Joaquim Rebocho

Pelo Dr. Virgílio Passos

JOAQUIM Rebocho é um pintor em plena maturidade, desconhecido ainda do grande público, mas consagrado já no nosso meio artístico, a quem o Estado distingue encomendando-lhe obras de vulto.

E' natural de Vila Real de Santo António e nunca realizou uma exposição individual, apesar das promessas aos amigos, de que vai em breve realizar uma grande exposição.

A única exposição em que entrou, com carácter individual, em que expunha cerca

[Continuação na 3.ª página]

As Batalhas de Flores de Loulé são um óptimo cartaz turístico do Algarve

A Voz de Loulé

POR motivo da nossa passagem a semanário e pela modificação do nosso aspecto gráfico, muitas têm sido as felicitações de assinantes, amigos e conterrâneos.

Vários colegas, de várias províncias têm publicado saudações que nos desvanecem.

Queríamos referir-nos, individualmente, a todos, e ainda acalentamos uma vaga esperança de conseguir coordenar esses elementos.

Mas por ser uma tarefa difícil e melindrosa, reser-

[Continuação na 3.ª página]

O CARNAVAL DE LOULE'

Visto por uma «SERRANA»

MAIS uma vez a ampulheta do tempo marcará a data festiva do Entrudo.

Quando se fala em Carnaval ocorre-nos à mente os do Rio, Nice e — porque não dizê-lo também? — o de Loulé!

Parecerá à primeira vista um exagero situando o nome do nosso Carnaval no mesmo plano de confronto a outros mundialmente célebres. Mas reflectindo um pouco, verificamos que, relativamente, tal afirmação não é extemporânea, se atentarmos no prestígio que disfruta no nosso país e até para além fronteiras.

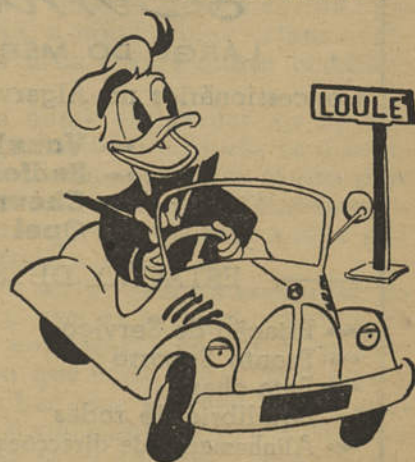
Já não é mais a simples Ba-

[Continuação na 4.ª página]



«Dispa-se» desse ar grave e melancólico, mande «passar» a tristeza e ouça:

«Você não sente a pular o pé? Venha com a gente! Venha até Loulé!»



Como esta vida são 3 dias e o Carnaval 3 dias são, Zé Carnaval, que não é «pato» vai aproveitá-lo bem este ano.

24 FEV. 1957

«Loulé... em retrato»

CHOVEU e a alegria voltou ao rosto dos lavradores.

Na verdade, dois anos maus seguidos, na expectativa de serem três, era dura provação para quem vive do que a terra dá.

Assim, vive-se na esperança de melhor rendimento, que é como quem diz, de melhor e mais justa remuneração do capital, tempo e trabalho empregado.

Nos dois anteriores retratos houve muito interesse por saber quem eram os fotografados.

Muitas pessoas perguntaram a outras, experimentaram terças e até, directamente, puzeram a questão.

Ora quando se trata de casos vividos, objectivos e reais, nós não podemos pôr legendas nas fotografias, estigmatizar pessoas que, mau grado os seus erros ou defeitos, nos merecem consideração.

Limitámo-nos a contar o que presenciámos ou soubemos, o que nos impressiona ou surpreende, com isenção e sem acinte e por isso não entramos em pormenores que poderiam magoar alguém.

A Junta de Turismo de Quarteira, tem agora um novo Presidente. E dizemos «novo» porque, estamos convencidos que, enfim, algo de «novo» chegou.

Amor ao progresso da sua terra, espírito desempoeirado de lutador, perseverante e voluntarioso, cheio de personalidade e possuindo um grau de cultura que o coloca em posição de destaque, pode manter-se acima dos interesses mesquinhos locais, que têm sido sempre a maior peia ao progresso daquela localidade e daquela estância balnear.

Disfrutando de boas relações e estudioso dos problemas de Quarteira, como é, pode conseguir bastantes.

Oxalá o ajudem com a isenção, imparcialidade e dedicação para que da sua acção

Ministério da Economia
Direcção-Geral dos Combustíveis
EDITAL

António Alfredo Sanches de Castro da Costa Macedo, Engenheiro-Chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faz saber que a Sociedade Nacional de Petróleos (SONAP) requereu licença para explorar um depósito superficial para gasolina, com cerca de 5000 litros de capacidade, com bomba auto-medidora, incluído na 2.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incêndio, sito em Alte, freguesia de Alte, concelho de Loulé, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6 em Lisboa.

Lisboa, 22 de Janeiro de 1957

O Eng.-chefe da 2.ª Repartição,

António da Costa Macedo

venha Quarteira, a nossa grande praia, a usufruir os benefícios a que tem direito.

Também novos ares parecem soprar pela Comissão Política local. Isenção, equanimidade, seriedade de ideias e princípios e um conhecimento completo do meio onde vai exercer a sua acção, não faltam ao nosso Presidente. Estão de parabéns os bons nacionalistas, ou melhor, a política nacionalista do concelho.

O Teatro acaba de adquirir um rectificador de corrente, que muito virá beneficiar a luminosidade da projecção. Com a máquina nova e completado agora o conjunto dos elementos de projecção poderemos dizer que nada falta para se poder apreciar com toda a nitidez qualquer pormenor de um bom filme.

Pena é que a Empresa asoberbada com estes encargos de máquinas e transformações não possa levar por diante, melhorias na comodidade das cadeiras.

Podiam estofar, pelo menos, o primeiro balcão, embora esse excesso de despesa saísse de uma elevação nos preços dos bilhetes. Se desse resultado, ir-se-ia ao resto, isto é, à plateia.

Têm aumentado de concorrência os nossos mercados semanais, parecendo se alguns, pela afluência de vendedores e compradores, com autênticas feiras de gado.

(Continuação na 3.ª página)

«Voz de Loulé» — Loulé
N.º 103 — 3-2-1957

Tribunal Judicial Comarca de Loulé ANUNCIO

(2.ª publicação)

Pelo Juízo do Direito da comarca de Loulé correm éditos de 30 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando o requerido Manuel das Neves, casado, jornalista, ausente em parte incerta do Brasil, com última residência conhecida no sítio de Vale d'Eguas, freguesia de Almoncil, desta comarca de Loulé, para no prazo de cinco dias, posterior a aquele dos éditos, contestar o pedido de concessão do benefício de assistência judiciária que lhe move a requerente Maria da Piedade, também conhecida por Maria da Piedade Neves ou simplesmente Maria das Neves a fim de poder contra o citando propor acção de divórcio litigioso.

Loulé, 14 de Janeiro de 1957.

O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio Assis da Veiga
Verifiquei:

O Presidente da Comissão de Assistência Judiciária
Manuel d'Andrade e Silva

FARAUTO Limitada

LARGO DO MERCADO — FARO

Concessionários no Algarve da GENERAL MOTORS

~ Vauxhall
~ Bedford
~ Chevrolet
~ Opel

— ESTAÇÃO DE SERVIÇO SHELL —

~ Estação de Serviço
~ Pronto Socorro
~ Bate-chapa
~ Equilíbrio de rodas
~ Alinhamento de direcções
~ Gasóleo
~ Oficina de Mecânica
~ Electricidade
~ Pintura
~ Focagem de faróis
~ Gasolina
~ Oleos Shell

Secção de Peças legítimas para as marcas suas representadas

Imaculada

Eu vos saúdo, ó Virgem, na pureza
Da vossa imaculada concepção!
A vossos pés minha alma fica presa
Da mais sincera e grata devoção!

Cintilações estranhas de beleza...
Auréola singular de perfeição...
Insígnias de uma eterna realceza
Que apenas vossas, Minha Mãe, serão!...

Que eu fique, ó minha santa Padroeira,
Até ao fim da hora derradeira
Absorta em vós, num êxtase fecundo...

E à doce luz da vossa formosura
— A' luz da fé, do amor e da candura —
Em vós refulja a salvação do Mando!

Irene Callapez

A propósito de Poesia

(Continuação da 1.ª página)

Encanto, é claro que não defini cousa alguma, pois não farei outra cousa senão um círculo verbal assim representado: — O que é Poesia? — E' Graça. — E o que é Graça? — E' Poesia. Isto não é definir cousa alguma.

Se eu disser que Poesia é a qualidade de tal e tal obra, também não saio do mesmo círculo, visto que não posso explicar um substantivo trocando o por um adjetivo. Mas dizendo que ela é Originalidade — tudo o que sai da rotina e não estamos habituados a ver, tudo o que não é vulgar, — já lhe dou, senão uma Definição que só tem rigorosamente lugar no conceito matemático, pelo menos uma situação e uma realidade objectiva capazes de me fornecerem suficiente informação.

A Poesia pode ter lugar, como disse, quer na Natureza quer na criação artística — que não deixa de ser natureza.

«Voz de Loulé» — Loulé
N.º 103 — 3-2-1957

Tribunal Judicial Comarca de Loulé ANUNCIO

(2.ª publicação)

Pela Primeira Secção de Processos da Secretaria Judicial, desta comarca, e nos autos de **Acção de Divórcio Litigioso** que a autora, **Maria da Piedade de Guerreiro** doméstica, residente no sítio do Cêro de Alfeição, freguesia de S. Sebastião, desta comarca, move contra o réu, seu marido, **Manuel Rodrigues Filipe**, trabalhador, ausente em parte incerta da R. pública Argentina e cujo último domicílio conhecido neste país, foi, no sítio de Alfeição, freguesia de S. Sebastião, desta comarca, correm éditos de trinta dias, a contar da segunda e última publicação do presente, citando o referido réu, para, no prazo de **vinte dias**, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo por meio, de impugnação ou excepção o pedido feito pela autora, que consiste no divórcio litigioso, entre ela autora e o citando, com o fundamento dos números segundo e quinto do artigo quarto do Decreto de 3 de Novembro de 1910, e, constante do duplicado da petição inicial que se encontra patente na Secretaria Judicial, desta comarca, para lhe ser entregue quando solicitado.

Loulé, 22 de Janeiro de 1957

O Chefe da 2.ª Secção
Joaquim Guerreiro
Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito
Marino Barbosa V. Júnior

bem entendido. A criação artística, resultado dum acto voluntário embora não ao alcance de todas as vontades, visto que é determinada por causas complexas que podem ser alheias ao indivíduo que afirma a sua vontade, essa criação apresenta-se sob diversos aspectos ou formas de expressão que todos conhecem, sendo os principais: Pintura, Escultura, Música e Literatura. Habitualmente não é considerada a Literatura como forma de expressão artística, do que discordo. A razão que leva a considerar o caso literário à margem da Arte é sem dúvida resultante das ilimitadas possibilidades que a Literatura dispõe na sua capacidade de tratar todos os assuntos e não exclusivamente servir a expressão estética. Mas se tivermos em atenção o facto, tantas vezes verificado, dela poder servir esta expressão com incomparável brilho e poder de sugestão, se recordarmos o potencial de poesia que as palavras encerram para quem as sabe usar, se nos lembrarmos de páginas imorredouras que foram escritas, não podemos deixar de reconhecer que a Literatura é, sem favor, a mais completa e poderosa forma de expressão poética e, como tal, uma Arte que só não pode medir-se com as outras porque as encerra a todas.

No próximo número seguiremos a nossa viagem, deixando o simpático troglodita socegado na sua caverna. Na verdade já estamos muito longe dele.

A. Santa Clara

(Continua)

A Voz das freguesias

SALIR

Com extraordinária concorrência, realizou-se nesta localidade, nos pretéritos dias 26 e 27 a tradicional «Feira de Janeiro», que este ano esteve muito concorrida de gados e quinquilharias.

No dia 3 de Fevereiro, realizou-se na Igreja paroquial, a festa em honra de S. Luís e São Sebastião, padroeiro da freguesia.

Constará de missa solene, sermão, venda de ofertas e procissão.

Após prolongada estiagem e frio intenso, choveu regularmente na madrugada do passado dia 23, apresentando agora as culturas melhor aspecto.

Cerca das 23 horas da noite do dia 21, foi visto por muitas pessoas uma aurora boreal, na direcção do norte, causando certa admiração a quem a presenciou. O sr. Fernando Aleixo, proprietário, e residente em Almargem de El-rei ao pretender cortar os ramos duma sobreira, desequilibrou-se e caiu duma altura de 4 metros fracturando um braço.

No passado dia 13, esteve nesta localidade o sr. Vice-Presidente da Camara de Loulé, o sr. Dr. Manuel Cabegadas, Dr. Aires de Lemos Tavares e outras individualidades, afim de conferenciarem com algumas pessoas daqui e da Pena, sobre a representação da freguesia no Carnaval de Loulé.

No passado dia 17, realizou-se na Igreja Matriz desta localidade o casamento da menina Maria Cavaco Ramos filha da sr.ª Julia Maria Cavaco e do sr. António de Sousa Ramos, residente no Porto das Covas, com o sr. Manuel Ramos Inês filho da sr.ª Maria Tereza Ramos e do sr. José Inês residentes no sítio do Arneiro.

Apadrinharam o acto as sr.ªs Maria Vicência Cavaco e sr.ª Maria Pereira Felicidade, e os sr.ªs Manuel Pires Afonso e José Viegas Pires.

O novo casal fixou residência no Porto das Covas. Desejamos felicidades.

Contando 86 anos de idade, faleceu na sua residência no sítio do Pé do Coelho, o sr. Tiago Cavaco, proprietário, viúvo.

Era pai do sr. Manuel Tiago Cavaco e sogro da sr.ª Maria da Piedade Cavaco, residente no Freixo-Seco.

C.

QUARTEIRA

O problema n.º 1 desta povoação — rede de esgotos — tende a agravar-se criando situações difíceis a toda a gente.

A distribuição domiciliária de água proporcionando um consumo elevado, aumenta proporcionalmente os despejos dos prédios, cujas pequenas foças não comportam tal volume de líquidos.

Assim, parte dos despejos são feitos para a via pública com os inconvenientes de maus cheiros, criação de mosquitos e deplorável aspecto.

Impõe-se o imediato estudo de uma rede de esgotos e a entrada em serviço de carroças que, entretanto recolham líquidos e outras imundícias.

Professora

Com o curso do Magistério Primário, diploma de Ensino particular e vários anos de prática, habilita para admissão ao Liceu.

Nesta redacção se informa.

AMEIXIAL

No passado dia 9 do corrente mês respondeu no Tribunal Judicial da comarca de Loulé, Manuel Sales Parreira, pedreiro, natural de Santa Catarina da Fonte do Bispo-Tavira, casado com Lidia Rodrigues de Jesus, desta localidade, como suposto autor do assalto ao cemitério desta localidade, na noite de 19 de Dezembro de 1954, onde partiu todas as cruzes dos jazigos e das sepulturas ali existentes. Foi condenado em 8 meses de prisão e pagamento dos prejuízos causados.

Vão muito adiantados os trabalhos da reparação da Igreja Matriz desta freguesia. São dignos de louvor todos os habitantes desta freguesia pela forma e boa vontade com que todos têm contribuído com o seu auxílio, em géneros, dinheiro e trabalho para prosseguimento das referidas obras.

O prior da freguesia Joaquim Fernandes Moreira, tem sido incansável na orientação dos citados trabalhos, não se poupando a esforços nem a sacrifícios, pois todos os dias se vê junto dos trabalhadores, ajudando na condução de telhas, pedras e outros materiais, para que os trabalhos prosseguam o mais rápido possível. Além disso tem sido incansável em angariar donativos, para auxílio das despesas a fazer com os referidos trabalhos, pois muitas pessoas fora da freguesia têm contribuído com donativos para esse fim.

Aproximam-se as Festas do Carnaval de Loulé, com as suas tradicionais e já famosas Batalhas de Flores. Parece-nos que era tempo de se organizar aqui uma Comissão entre os proprietários, comerciantes e industriais para se fazer um cerro alegórico do Ameixial que representasse condignamente esta freguesia nas grandes festas de Loulé, dando assim uma nota do acentuado bairrismo que nos deve caracterizar.

C.

ALMANCIL

Esta freguesia, que é incontestavelmente das que maior interesse dá ao concelho pela sua grande actividade comercial e industrial e... das que pouco pede.

Os seus habitantes têm uma grande aspiração: que seja concluída a estrada da Fonte Santa até à Fonte Coberta.

Este melhoramento que se arrasta há alguns anos viria contribuir para valorização de uma zona agrícola de extraordinário valor e teria reflexos de carácter turístico pelo muito que viria contribuir para o mais fácil acesso de Faro e outras localidades do Sotavento a Quarteira.

Aerodinamo

Venle-se um aerodinamo e um rádio Philips Em bom estado.

Tratar na Rua de Portugal, 27 — Loulé.

Ferramentas de carpinteiro

Vendem-se ferramentas diversas e bancada de carpinteiro

Informa Fernanda Pintassilgo—Largo da Chafariz Loulé.

Aliança Eléctrica do Sul

S. A. R. L.

Sede: OLHÃO

Concessionária da distribuição de energia eléctrica em baixa tensão, nos concelhos de:

Faro, Olhão, Lagoa, Serpa, Ferreira do Alentejo, Aljustrel e Ourique

Concessionária do Estado de distribuição em alta tensão no Sotavento do Algarve (Decreto-Lei n.º 30.351)

Localidades servidas:

Faro, Olhão, Lagoa, S. Braz de Alportel, Tavira, Loulé, Serpa, Aljustrel, Castro Verde, Ourique, Ferreira do Alentejo e 25 outras povoações do Algarve e Baixo Alentejo

Centrais eléctricas em:

OLHÃO

FARO

SERPA

Joaquim Rebocho

(Continuação da 4.ª página)

de uma dúzia de obras, foi na dos «Pintores do Sul», por nós organizada, no salão nobre do S. N. I., quando do II Congresso Regional Algarvio.

Com 28 anos apenas, foi-lhe entregue a continuação e o acabamento dos frescos monumentais do salão nobre do Palácio do Parlamento.

Por morte do mestre Sousa Lopes, a quem tinha sido entregue o honroso empreendimento de decorar o vasto salão com episódios dos Descobrimentos Portugueses, foi esta grandiosa obra entregue a Joaquim Rebocho e Domingos Rebelo. Sousa Lopes apenas esboçou o plano geral da decoração com esboços das respectivas cenas e desenhos que só em parte foram seguidos por Rebocho, pois modificou parcialmente a composição por alteração de planos e figuras.

São admiráveis de desenho e expressão os estudos das cabeças feitas por Rebocho para as suas personagens.

Nesta obra monumental, os painéis desenhados e pintados pelo nosso pintor, foram: «Diogo Cão na Foz do Zaire», com as dimensões de 3,5x4,5", mostra a imposição solene do padrão entre manifestações de vassalagem dos régulos negros; «Descobrimento do Brasil», com uma superfície de 16 metros quadrados, aproximadamente, representa a primeira Missa nas praias do Brasil, onde se vêem os índios coroados de penas diante de Pedro Alvares Cabral e sua comitiva. Finalmente, no fundo do salão, do lado sul, um enorme fresco de sete metros de alto por três metros de largo, intitulado: «Sagres», donde sobressai a figura imortal do Infante.

A figura máxima dos nossos descobrimentos é focada no momento de entregar aos capitães das naus o regimento da navegação, vendo-se ao fundo, pairando sobre as águas de um azul esverdeado, as caravelas da armada portuguesa. Nos reflexos sobre as águas e nas tonalidades de luz que envolvem o céu e a terra, há exuberâncias dos venezianos. Quase dois anos levou Rebocho a pintar com frenesim estes frescos.

São harmoniosos e ricos de cor, fortes de desenho e belos de estrutura, onde se vinculam as expressões vigorosas dos heróicos navegadores lusitanos.

VENDE-SE TERRENO

Autorizado para construção, na Avenida Marginal em Quarteira.

Tratar com Isidoro Martins dos Santos, em Quarteira ou Loulé.

O Comboio algarvio

(CONCLUSÃO)

leráveis e ostensivas imposições, porque é um dos principais factores da sua inferiorização no concerto nacional.

O Algarve turístico, cheio de graças e belezas que os visitantes classificam de milagrosas, relicário de virtualidades imanescentes, de motivos folclóricos, pitorescos, recreativos, coloridos, impressionistas, não pode estar separado do resto do País, só porque não tem acesso conveniente, oportuno e cómodo.

Se não tem direito a outros melhoramentos, a grandes melhorias de carácter urbanístico, a altas e arrojadas

concepções esculturais, a obras de alto alcance social, histórico ou administrativo, têm pelo menos o direito de exigir, de reclamar que o admirem, que deixem chegar até ele, aqueles que o seu potencial turístico atrai e chama.

Tem o direito de exigir que se lhe ponham à disposição ligações convenientes, cómodas, rápidas e actualizadas, com o resto do continente nacional. Tem ainda o direito de exigir que se desfaça, desvança e apague aquele conceito depreciativo que hoje há, sobre o «Comboio do Algarve».

O comboio do Algarve tem de passar a ser um comboio como outro qualquer, para qualquer parte do País, sem que vejamos qualquer pessoa franzir o rosto e esboçar um gesto de desprezo e de aborrecimento quando ouve falar no «Comboio do Algarve».

R. P.

A Voz de Loulé

(CONCLUSÃO)

vamos-nos para outra oportunidade.

O acréscimo de serviço provocado pela mudança de quinzenário em semanário, prejudicou de tal modo a nossa organização que lutamos com muitas dificuldades para trazer tudo em dia.

Continuamos a receber muitas cartas de louletanos e citações de colegas cujos encômios nos sensibilizam.

Não queremos, porém, deixar de registar a quadra que o poeta Marques da Silva, dedicou ao nosso Director, no semanário farrense «O Algarve»:

Com 4 anos apenas

(Ao Dr. Jaime Rua, seu ilustre Director)

«A Voz de Loulé», não sei,
(Não sei, é como quem diz):
Tem foros «d'ouro de lei»,
—Circular em todo o País!

Marques da Silva

Também os nossos prezados colegas, cujos nomes a seguir publicamos, se referiram elogiosamente à «Voz de Loulé» e por esse facto lhes exprimimos os nossos melhores agradecimentos:

«Correio do Sul», «O Jornal de Moura», «Linhas de Elvas», «Notícias do Algarve», «Notícias de Gouveia», «Povo Algarvio», «A Voz do Sul», «Folha do Domingo», «Comércio de Portimão» e «Jornal de Lagos».

A todos, que nos têm, gentilmente, dispensado tão simpáticos encômios, agradecemos vivamente sensibilizados e reconhecidos.

LOULÉ... em retrato

(Continuação da 2.ª página)

Loulé foi sempre, no capítulo de Pecuária, um grande concelho e alegra-nos que procure reassumir as suas funções de mercado regulador e fartamente exportador.

No entanto, e sempre nos incomodou esta preocupação: Porque é que se mata tanto gado de diversas espécies e tão pouco de vaca.

Limitações, contingentes, eu sei lá! Agora que há vários talhos com frigoríficos porque não poderemos comer um bife de vaca, por dia?

*

Uma local publicada no número anterior perguntava quando é que se pensa ver estrada para o miradouro da Picota.

Achamos que esta obra já figurou num Plano de Actividades da Câmara para determinado ano. Se não estamos em erro, havia até sido confiado o seu estudo ao engenheiro da Câmara.

E' que se esta a perder um elemento de Turismo, que talvez não tenha par no Algarve pela vastidão do horizonte e riqueza de panorama.

E como está mesmo no coração do Algarve, talvez seja dos miradouros existentes o que maior profusão de aspectos apresente.

REPORTER X

Quem te manda

a ti sapateiro...

Sérgio dos Santos Pereira, sapateiro de seu ofício, com 18 anos de idade, nasceu na freguesia de Querença e veio morar na Cruz da Assumada.

Talvez influido por habilidades vistas em filmes ou lidas em romance da especialidade, planeou um assalto à gaveta do estabelecimento da sr.ª D. Emilia de Jesus, daquele sítio, de onde subtraiu a importância de 800\$.

Gastou 130\$00 em seu proveito e escondeu 670\$00 na toca de uma alfarrobeira.

Mas algo ficou de fora e permitiu que o Comandante do Posto da G. N. R. sr. Florindo e o guarda Francisco Costa seguissem uma pista que levou à descoberta do dinheiro e de uns documentos que foram escondidos num valado.

Ao incipiente e jovem assaltante valeram-lhe certas circunstâncias, como a sua pouca idade, a desistência da queixa pela roubada num belo gesto de solidariedade, mas o susto que apanhou deve recordar-lhe longo tempo o velho rifão: Quem te manda a ti sapateiro...

Agradecimento

Manuel Rodrigues Apolo, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que o visitaram durante a sua permanência no Hospital de Loulé, e em especial às que se esforçaram para que fosse urgentemente assistido, vem por este meio apresentar os seus mais sinceros agradecimentos.



Agência em LOULÉ
Laginha & Ramos, L.da
Telefone 69

Transportes de Carga Louletana, L.ª



Largo Tenente Cabecadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

Para melhoria dos nossos serviços, transferimos a nossa sucursal em LISBOA da Rua Nova do Desterro, 35, para a

Rua de S. Mamede, 24 D. (ao Caldas)
Telefone 22437

Todos os assuntos relacionados com esta firma só podem ser tratados com

Pires ou Sousa

«A Voz de Loulé» — Loulé
N.º 103 — 3-2-1957

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pelo Juízo de Direito desta comarca, 2.ª secção, correm editos de 30 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio citando o seu Manuel Joaquim Cândido, casado, agricultor, ausente em parte incerta da Argentina, com última residência conhecida no sítio do Cerro das Covas, freguesia de Querença, desta comarca de Loulé, para no prazo de 10 dias, posterior àquele dos editos, deduzir a oposição que tiver ao pedido feito nos autos de acção de divórcio de coisa comum que contra ele e outros move Manuel Ventura de Silva e mulher, Maria do Carmo. Estes pedem que a propriedade contida por terra de barrocal e de semente, no sítio da Nave do Barão, freguesia de Salir, conhecida por «Alga» e «Alfarrobeira da Folga», inscrita na matriz sob os arts. 723 e 725 seja dividida, sob pena de se proceder à nomeação de árbitros, seguindo-se os ulteriores trâmites dos arts. 1053 e seguintes do Código de Processo Civil.

Loulé, 25 de Janeiro de 1957

O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio Assis da Veiga
Verifiquei:

O Juiz de Direito,
a) Marino Barbosa Vicente
Júnior

Alfarrobeiras

Cedem-se alfarrobeiras que sobram de viveiro.

Tratar na Farmácia Pinto — LOULÉ.

Portas usadas

Vendem-se portas usadas, de interiores e exteriores, em estado novo, Tratar com José Rodrigues Catarino — Ameixial.

DIÁRIO

(Continuação da 4.ª página)

Jan. 19 — Amor...

A poesia pode-se amar furiosamente. Isto mesmo, encontrei a palavra que desejava: furiosamente.

A poesia tem uma atracção inexplicável. E' tudo, a poesia. É simplicidade, é exotismo, é panaceia, é sonho... sou eu a viver momentos de alegria sobre um fundo negro.

Alguns dia queimo todos os meus livros que não sejam de poesia. É verdade, não acredito?

E depois encho todas as minhas estantes, todos os meus momentos de vida, tudo o que é meu, com o Walt Whitman, o Garcia Lorca, o Pablo Neruda, com Eliot e Auden, com o Dylan Thomas, o Pessoa, o Raul de Carvalho, o Cesário Verde. Trago para a minha estante, azul, branca e amarela, todos os poetas do mundo. Todos para o meu Templo da Paz...

E depois... talvez eles me ensinam como se é poeta...

Jan. 22 — Outra Carta de Maria Rosa

O destino de todos nós é amar. Amar antes de morrer. Amar muito, e por tudo.

É este amor momentâneo, este amor de que todos conhecem um bocadinho, que nos põe nos lábios, na hora última, o *afinal sempre valeu a pena*. Estou a pensar que os poetas enganam-se poucas vezes. E o Pessoa foi um grande poeta.

Aqui está a Maria Rosa. Parece-me cansada. Desiludida talvez. Mas ela fala-me de meninos de olhar azul, e de crinas de cavalos lançadas ao vento sobre um fundo verde de esperança, e de sonhos a plantar sorrisos nos olhos lacrimosos.

Ela é poeta. Tem a certeza. Sabe bem que, apesar de tudo, a vida é um poema de amor. Sabe que vale sempre a pena penetrar nas nossas desilusões e extrair-lhes um pouco de alegria — quando a alegria não nos vem de braços espontâneos apertar-nos de encontro ao seu peito irreal.

Jan. 27 — Mamãe

Mamãe

eu quero uma estrela

Não filho

podes picar-te com ela

Mamãe

quero brincar com a lua

Não filho

porque ela não é tua

Mamãe

dá-me um pedacinho de céu

Não filho

porque ele não é meu

Mamãe

quero que me des o mar

Ai filho

quem to pudera dar

Mamãe

só tenho mais um desejo

Diz meu filho

Mamãe, dá-me um beijo...

Casimiro de Brito

INGLÊS

Pessoa diplomada por Cambrigde dá explicações.

Informa Telefone 244 — LOULÉ.



Automóveis

e todos os veículos motorizados Para compra ou venda tratar com Basilio do Nascimento.

Rua da Barbacã, 24 — Loulé.

tradicional, ainda teriam de assistir à pré-dica. A donzela quisera também alindar-se e por causa deste trabalho atrasara-se e queria agora tirar a criança do colo da madrinha; mas esta não consentiu, embora todos a tentassem convencer. Foi isto uma bela oportunidade para mostrar ao padrinho amoroso, quão fortes os braços dela eram e quanto eles poderiam aguentar. Braços fortes numa mulher são, para um trabalhador que observe as coisas como devem ser, mais convenientes do que pausinhos delicados e ridículos, que qualquer aragem pode separar cada um para seu lado, se soprar um pouco rijo; braços fortes numa mãe já tem sido a salvação de muitas crianças, quando o pai morre e a mãe sózinha tem de empunhar a vergasta, e evitar que o carro da sustentação de todos enfie pelos buracos por onde estava prestar a cair.

Mas, de súbito, é como se alguém segure a robusta madrinha pela trança ou lhe dê uma pancada na cabeça porque ela dá meia volta em boa ordem e entrega a criança à jovem, depois hesita um momento e toma a atitude de quem quer apertar uma liga. Volta em seguida para trás, junta-se aos homens, mistura-se na conversa e tenta distrair o avô, desviá-lo do assunto que o prende na ocasião, ora com isto, ora com aquilo. Mas ele firma-se no seu tema como é isto da maioria das pessoas de idade e ata sem agastamento o fio tantas vezes quebrado.

Tenta agora por toda a espécie de perguntas levar o pai da criança a uma conversa particular; mas este é monossilábico e está sempre a deixar cair o fio acabado de tecer. Talvez esteja absorvido nos seus pensamentos, como todos os pais, quando se lhes leva uma criança a baptizar, e principalmente, quando se trata do primeiro rebento.

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 5

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do alemão por E. Rocha Gomes

Quanto mais se aproximavam da igreja, mais convidados se juntavam ao cortejo; uns esperavam-nos já na estrada, outros vinham ligeiros por estreitos caminhos de pé posto, e assim se foi formando um extenso cortejo até à entrada da aldeia.

Avistava-se já a igreja e a estalagem, duas casas que bastas vezes estão em muito próximas relações e partilham as suas alegrias e tristezas e até as suas honras. Aí fizeram alta, secaram o pimpolho, e o padrinho mais novo mandou vir uma rodada, embora todos tivessem objecções a fazer; que não era ocasião, mais isto, mais aquilo, que cada um já tinha o que o estomago pedia, que não deviam meter agora nem o cheiro de nada nas tripas. Mas o vinho sempre veio e todos bebericaram, sobretudo a rapariga nova que viere alijar o peso da madrinha; é que em todo o ano isto não acontecia muitas vezes e por isso, toca de aproveitar o momento.

Só a madrinha se não comovia e, apesar das insistências que pareciam não ter fim nem uma gota provava; a hospedeira, porém, meteu a sua colherada e disse: que não insistissem, porque a senhora estava a empalidecer a olhos vistos e, por agora, precisava mais que chergassem ao nariz algumas gotas de perfume do que qualquer bebida. Mas ela também não concordou com

isso, preferia antes um copo de água simples, e por fim sempre consentiu que lhe borrifassem o lenço com uns pingos de qualquer água perfumada; era o alvo de muitos olhares suspeitosos e não sabia na sua inocência como justificar-se nem como evitá-los.

Um intenso pavor a dominava. Ninguém lhe tinha dito que nome se havia de pôr à criança, que segundo o velho uso a madrinha deve segredar ao padre quando a entrega, porque ele pode muito bem trocar os nomes, se houver muitas crianças a baptisar.

Com aquela maldita precipitação por causa das mil e uma coisas a tratar e do medo de chegar tarde, tinha-se esquecido de perguntar o nome, e a tia tinha-lhe proibido terminantemente que o perguntasse agora, porque faria o afilhado infeliz; e mesmo uma madrinha jamais deve dizer em voz alta o nome duma criança, senão esta tornar-se há para toda a vida muito bisbilhoiteira.

Não sabia portanto o nome a segredar ao ouvido do padre e nem devia perguntá-lo; o pior era se o revelando lhe perguntasse alto e bom som; mas muito pior ainda era se ele a registasse com o nome de Exposto ou Judas; oh! isto seria de toda a gente rebentar a rir e que vergonha não seria para toda a vida!

O caso infundia-lhe um terror sempre crescente; as pernas tremiam-lhe como caules de faveiros em dias de ventania e o suor caía-lhe em regatos do rosto empalidecido. A rapariga lembrou que eram horas de ir para a igreja, se não queriam apanhar uma sarabanda do rabujento pároco; e dirigindo-se à madrinha: «Tu Metochi, não aguentas isto, estás tão pálida como uma camisa branca acabada de corar!» «Foi a caminha», explicou ela, «tudo passará, quando tomar fresco!» Mas pelo visto, não dava mostras de passar, porque na igreja tudo se

As amendoeiras floridas são o segundo encanto DO CARNAVAL DE LOULÉ

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos em Fevereiro:

Dia 3, o sr. Horácio Leal Farrajota e a menina Rosa Maria Carape-to Corpas.

Dia 9, o sr. Manuel Costa.

Dia 10, as meninas Amélia Maria Santiago Gonçalves e Juvelinda Salgadinho Rodrigues.

Dia 12, as sr.^{as} D. Lídia Quitéria Dias, residente na Venezuela e D. Ilda Francisca de Sousa, residente em Alcanil.

Dia 15 a menina Laura Caetano Januário.

Falecimentos

— No dia 26 de Janeiro faleceu nesta vila o sr. Manuel Joaquim Guerreiro Junior, (mais vulgarmente conhecido por sr. «Marrachino») de 69 anos de idade, proprietário e antigo comerciante da nossa praça, casado com a sr.^a D. Maria Bárbara de Barros Cabeçadas Guerreiro.

O extinto, cujas qualidades de simpatia lhe granjearam bastante amizade e consideração, era pai das sr.^{as} D. Maria Bárbara Cabeçadas Guerreiro e D. Maria das Mercês Cabeçadas Guerreiro Sequeira Machado e sogro dos srs. José Rocheta Morgado, conceituado industrial nesta vila e Miguel Romão Sequeira Machado, considerado comerciante em Albufeira.

— Faleceu no dia 28 do corrente o sr. Joaquim Cândido da Franca Leal, escrivão de direito aposentado, pessoa que em Loulé ocupou vários cargos público.

Era irmão dos falecidos Francisco de Assis da Franca Leal e José Estelita da Franca Leal que exerceram durante muitos anos os lugares de Secretário da Administração e Tesoureiro da Fazenda Pública.

Era pai das sr.^{as} D. Maria Garcia da Franca Leal, professora liceal em Luanda, D. Catarina Garcia da Franca Leal, D. Maria de Santana da Franca Leal, D. Maria Olimpia da Franca Leal, residentes em Loulé, e do sr. Joaquim Cândido da Franca Leal, benquista comerciante da nossa praça e sócio gerente da firma Vasques & Leal, Ld.^a, e sogro dos srs. Manuel Rodrigues Cebola, electricista-chefe da Camara Municipal de Loulé e Dr. António Simões, professor liceal em Luanda.

O seu funeral constituiu uma expressiva manifestação de pesar.

O extinto era figura familiar em quase todo o concelho onde conquistara, mercê das suas grandes qualidades de carácter e inteligência, lugar de relevo na consideração e amizade de todos.

As famílias enlutadas, os nossos sentidos pesamos.

A propósito

de apóspitos e de pontos nos ii

Do nosso prezado colaborador e amigo Dr. Joaquim Magalhães, recebemos uns esclarecimentos em que demonstram o erro de interpretação que, a um artigo seu, foi dada pelo nosso igualmente muito prezado colaborador A. Sana Clara e cuja publicação fomos forçados a deixar para a próxima semana em virtude de nos terem chegado à redacção quando a paginação do nosso jornal estava a concluir-se.

Farmácias de serviço

Durante esta semana, estão de serviço permanente:

Dias 3-8 — Farmácia — Pinto
» 4-9 — — — Madeira
» 10-11 — — — Santos
» 6-11 — — — Confiança
» 7-12 — — — Pinheiro

Trespassa-se EM FARO

Estabelecimento que foi de **Livraria-Papelaria**, situado na Rua de Santo António (a rua principal de Faro) e Largo do Boazela, por motivo de retirada do seu proprietário.

Tem duas amplas montras, na Rua de Santo António, e uma outra ainda maior, no Largo.

Aceitam-se propostas, em carta fechada, até ao dia 15 de Fevereiro de 1957, reservando-se, porém, o direito de entrega, caso a mais alta oferta não possa interessar.

DIRIGIR A:

A. VICENTE CAMPINAS

Rua de Santo António, 67

FARO

A VOZ DE

Econometria ALGARVIA

(Continuação da 4.ª página)

atacadas pela mósca da azeitona, [ataques que se repetem várias vezes durante a frutificação] pela gafa, etc., o que se explica devido a um conjunto de factores climáticos desfavoráveis existentes no Algarve.

E com esta acção de combate, de certo que a Direcção Geral dos Serviços Agrícolas não deixará de fazer existir em todas as freguesias rurais, os filmes culturais, no género dos que já existem, tendo por motivos as melhores práticas agrícolas, pecuárias no Algarve. Seria para desejar que nestes filmes se fizessem ressaltar as contas de resultados obtidos nas práticas agrícolas melhoradas, em comparação com as tradicionais, e que esses filmes acompanhassem as brigadas da Campanha de Educação de Adultos.

Quando em Agosto do ano findo passámos as férias em Quarteira, tivemos ocasião de assistir a uma sessão de cinema de propaganda dos aviões da TWA e dos costumes e paisagens dos países para onde emigram os nossos trabalhadores rurais.

E' preciso esclarecer que a frequência de Quarteira é notável pelos seus regadios, nos quais já hoje se contam cerca de 200 motores de rega; não obstante isso, nunca os numerosos lavradores da localidade tinham assistido à exhibição de qualquer dos filmes editados pela Reparação de Estudo, Informação e Propaganda, dos Serviços Agrícolas, constantes do respectivo catálogo.

No que respeita às alfarrobas, de que o Algarve produz em média anual de cerca de 31 mil toneladas, como já dissemos anteriormente, seria de toda a conveniência que, uma vez feito o estudo do seu aproveitamento integral, se divulgasse entre os criadores de gado a forma da sua mistura com os cereais e outros alimentos. Estamos convencidos que não será difícil obter para o produtor de alfarrobas o valor superior ao actual de 30\$00 por arroba. E por outro poderia obviar-se o inconveniente da falta das razões entre os referidos criadores de gado — como já se tem verificado algumas vezes.

Lisboa, 18/1/1957

António Sousa Pontes

Almoço de homenagem

(Continuação da 1.ª página)

mos Costa, Presidente da Casa do Alentejo, José Raul da Graça Mira, Major Mateus Moreno, Coronel Manuel de Sousa Rosal Júnior, Deputado pelo Algarve, Luís Costa Santos, da Casa do Ribatejo, Dr. António de Sousa Pontes, Representante da Casa das Beiras, Eng.^o José António Madeira, António Libânio Correia e Delegado da Casa de Trás-os-Montes.

Abertos os brindes, falou primeiramente o sr. Conselheiro Sousa Carvalho que, num empolgante improviso, enalteceu os dotes morais e excelsas qualidades do homenageado, afirmando ser a homenagem prestada a tão dedicado algarvio, justíssima, palavras que os presentes aplaudiram entusiasticamente e sinceramente.

Seguidamente usaram da palavra os srs. Major Mateus Moreno que entregou uma mensagem da «Casa do Algarve» ao homenageado e a esposa deste bom algarvio e Presidente da Casa do Algarve, a sr.^a D. Rosário Mateus Moreno, ofereceu um belo e lindo bouquet de flores à sr.^a D. Ester Franco, esposa do festejado.

Falaram ainda também para pôr em relevo os prestantes e desinteressados serviços prestados pelo homenageado à província algarvia, os srs. Dr. Sousa Carrusca, Conde de Vinhais, Dr. Garcia Domingues que leu vasto expediente de cartões e telegramas, Dr. Ramos Costa pela Casa de Alentejo, os representantes das Casas das Beiras e Ribatejo, Dr. João Viegas Sancho e José Calé.

No final o homenageado e nosso muito querido amigo sr. Hermenegildo Neves Franco, bastante comovido com as sinceras provas de consideração recebidas, em palavras repassadas de sincera gratidão para os presentes, agradeceu tudo o que ali se disse e leu a seu respeito, pois, nada mais do que o que tinha feito no cargo que ocupa, mais não fora do que cumprir.

Tinha a consciência de ter sempre Cumprido — disse.

As suas últimas palavras a assistência, de pé, aplaudiu sinceramente Neves Franco, tendo sido muito felicitado.

Sinceramente e do coração o dizemos mais uma vez: «as homenagem prestada ao devotíssimo Presidente da Comissão de Turismo e Propaganda da nossa Casa Regional, foi, simplesmente justíssima a todos os títulos.

L. S. P.

LISBOA dos ALGARVIOS

(Continuação da 1.ª página)

mite... Porquê? Por não serem dignos da capital de todos os portugueses?

Certamente que não... Os algarvios sentiram-se, de verdade, magoados pela desistência do monumento em Sagres, mórmente sem que disso fosse dada qualquer explicação.

Talvez se trate — dizemo-lo sem ironia — de razões «diplomáticas» como pode alcançar-se do que noutro lugar nos diz S. P., mas mesmo assim não deixa de ter o seu quê de injustiça para nós.

Estamos crentes, porém, que não deixará de haver uma obra dos homens que assinala, devida e dignamente, em Sagres, a gratidão destes pelo Infante.

A generosidade da natureza, que ali parece fazer «soprar o Espírito», não deixemos de juntar uma criação do coração dos homens.

E creia J. O. que ao dizermos o «nosso Algarve», não o fazemos com intuitos exclusivistas, como que a pretender segregar-nos do resto do País; não queremos que o Algarve não seja de todos que o conhecem e o admiram. Pelo contrário, cansamo-nos a gritar: — aqui também é Portugal!, mas o que nos parece é que não nos parecem.

Talvez por isso, por nos sentirmos enteados no meio de tantos filhos, é que no problema do monumento à justiça que nos assiste juntámos a acrimónia das nossas lamentações.

Enquanto que pelo País se semeiam os Palácios de Justiça, os Quartéis, os meios de comunicação, e se encaram e equacionam, os problemas económicos, o Algarve mendiga uma participação e ficam-lhe as mãos a abanar, solavancando-se durante horas (e quase sempre forçadamente de noite) para percorrer os 300 quilómetros que o separam de Lisboa, da tal capital de todos os portugueses, e vê grande parte dos seus legítimos interesses subordinados aos de outras regiões.

E ou porque as soluções estão previstas mas não são oportunas, ou porque pedimos de mais, ou por que pedimos de menos... tudo é calma e mar sem ondas...

Talvez culpa nossa? Sem dúvida, em boa parte.

Não nos empenhamos a fundo, ou somos como o boi, que não tem consciência da sua força e se deixa jungir à carreta ou... não temos efectivamente força nenhuma e são tudo fumos... sem fogo.

Este tema daria pano para mangas mas estaria fora de propósito continuá-lo aqui.

Gostamos de assinalar os sentimentos de J. O. pelo Algarve, mas desejamos ardentemente que os algarvios sintam não só que o Algarve é deles mas que eles são do Algarve e sobre tudo que os nossos amigos a o proclamarem que o Algarve é dos portugueses, reconheçam por palavras e por obras, que o Algarve também é Portugal — J. R.

N. R. — Por absoluta falta de espaço, o artigo assinado por S. P. que acima é referido teve de ser deixado para o próximo número.

CARNAVAL de LOULÉ

(Continuação na 3.ª página)

talha de Flores do modesto Carnaval de Loulé!

Meio século de existência, atravez de longa caminhada vivida, não tornaram velho o nosso velho Entrudo!

Mais uma vez nos vai surgir com a jovialidade, a alegria e o bom gosto que o caracterizam. Há festas que pela sua tradição e regionalismo se impõem e se transformam em excelentes cartazes turísticos. Assim tem sucedido com o Carnaval de Loulé, que, do seu contributo para a divulgação da terra que lhe deu corpo e vida, vai estendendo a fama à província que lhe serve de berço.

E' necessário, pois, que subsista sempre, sem desfalecimentos, a necessária conjugação



Acreditem: «isto» é de traz da orelha! Só visto. O saber da sua paródia tem o paladar dum canja «Knorr»

ção de esforços de todos os louletanos, em torno desta simpática e altruista iniciativa, afim de os seus altos objectivos serem atingidos: o de amealhar alguns bens para o nosso Hospital e para a pobreza que dele se socorre.

Envolver em confeti e serpentinhas multicores, disfarça do sob uma máscara garrida, embalado pelos acordes saltitantes do corridinho, perfumado pelas niveas flores de amendoeira, ele aí vem, o antigo mas sempre javem e folgazão Carnaval de Loulé.

E, afavelmente, faz este convite acolhedor ao forasteiro, para que aproveite este ensejo único de admirar a bela província algarvia, vestida de linda e imaculada brancura, numa sedutora sinfonia de flores, música, luz e cor, como fantástico sonho de mouro encantada

Venham ao Algarve e não se esqueçam de incluir no vosso roteiro a notável e hospitaleira vila de Loulé que, como é uso da sua gente, vos reservará bom acolhimento e vos proporcionará três dias de sorrisos, boa disposição e juventude, sob o cenário encantador de milhares de lindas flores, como são as que constituem, afinal, toda a sua maravilhosa Batalha de Carros alegóricos, atractivo número um do seu Carnaval.

Uma Serrana

Tribunal de Menores

FORAM nomeados, 2.º adjunto do Tribunal de Menores da Comarca de Loulé e delegados de vigilância do mesmo tribunal, os srs. Joaquim Guerreiro Pereira, professor de ensino primário aposentado, e Geraldo dos Santos Esteves, Manuel Martins Coelho, Sebastião Dias de Brito Teixeira e Luís Henrique de Sousa Clemente.

Diário

Jan. 15 — Chamam a isto m nias!

O João, nos seus momentos livres (ele tem momentos livres), recosta-se no sofá (ele tem também sofá), e arranca do aparelho de rádio, um ou outro pedaço de música rara. Quero dizer, daquela que raramente se procura nos aparelhos de telefonia. Pois o João adora Beethoven, deliciase com Stravinsky, com Chopin e até com Franz Lehar e Ricard Wagner. Há dias vi-o tão triste... Foi no dia da morte do grande músico Toscanini. Enfim, o João gosta de música. Para os vizinhos porém tem a mania da música...

Aquele, que ali vai na rua, é o Alberto. — Adeus Alberto... Aposto que vai tirar os bilhetes para o «PicNic» de Joshua Logan. Escreve sobre cinema. Conhece todos os artistas, também os secundários. E os técnicos também, desde os operadores às script-girls. E fala de travellings, de plongées, de contra-campos, de grandes planos, de offs e de ralents, como eu falo de... bem como eu falo do mesmo... Tem a mania do cinema, o pobre rapaz...

— E-tás bom Luis?

— Bem obrigado. E tu? Como vai o nosso Prisma?

Este, o Luis, tem a mania das linguas.

— Estou agora a ler o Pavilion of Momen de Pearl S. Buck. Casimiro. Já o leste? Estou a lê-lo no original claro.

E assim mesmo, caros leitores. O Luis é uma espada nas linguas. Só lê originais. Sabe inglês, francês espanhol e está a estudar alemão. Sabe português também... Já leu nos originais. George Duhamel, Albert Camus, Ortega y Gasset, Aldous Huxley, Goethe e sei lá quantos mais. Pois o pobre rapaz, inteligente como poucos, é conhecido pelo maníaco das linguas.

E há o Valério que sabe a linha do Sporting de há 30 anos. e este tem a mania do desporto.

NO ENTANTO...

No entanto, Miguel Torga observa. Protesta. E com razão. «Ser de certa maneira, não gostar disto ou daquilo, diferenciar-se dos outros — eis a heresia».

Depois de tudo isto, vou opinar. Acho que, nós os que temos manias, devemos primeiro do que tudo, convencermos-nos de que somos realmente maníacos. Mas depois... Depois devemos ter orgulho de sermos maníacos da maneira como somos... Não é caso para orgulho, Amigos!...

Jan. 18 — Um poema amigo

De um amigo, recebi hoje um poema amigo. Uma pétala de poesia, como lhe chamei, quando a recebi Vou desfolhá-la no meu Diário. Eis o teu abraço de Poeta, Maria Rosa Colaço, um pouco universalizado...

Casimiro: escrevi para ti este poema esboçado entre uma lágrima e um sonho, e mando-te numa manhã de princípio salpicada de pássaros, suor o blasfêmias.

Querida que ele fosse um punhado transbordante de esperanças e do sol que me ensinaram nos tempos de menina?

Querida que ele retribuísse o abraço amigo de alegria que me contaste. Mas não sou capaz? Casimiro, e este poema, se o é, nada mais te leva que sal, dor e a comoção irremediável de te poder chamar AMIGO!

Continuação na 3.ª página

Sporting Clube Atlético

Convocatoria

Assembleia Geral Ordinária

Ex.^{ma} Consócios:

Nos termos do Artigos 22.º dos Estatutos, convoco V. Ex.^{ma} a reunir na sede do Clube, no dia 8 do corrente pelas 21 horas, sendo o assunto a tratar o seguinte:

1.º — Apreciação do Relatório e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal.

2.º — Eleição dos Corpos Gerentes para o corrente ano.

3.º — Apreciação de propostas da Direcção.

Não comparecendo número de sócios para a Assembleia poder funcionar na hora acima indicada, fica desde já convocada para reunir no mesmo dia e no mesmo local uma hora depois com qualquer número.

Loulé, 1 Fevereiro de 1957

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

Manuel Guerreiro Pereira

IMPRESSOS

ECONÓMICOS
RÁPIDOS
PERFEITOS

Executam-se na

Gráfica Louletana

Telefone 216

LOULÉ